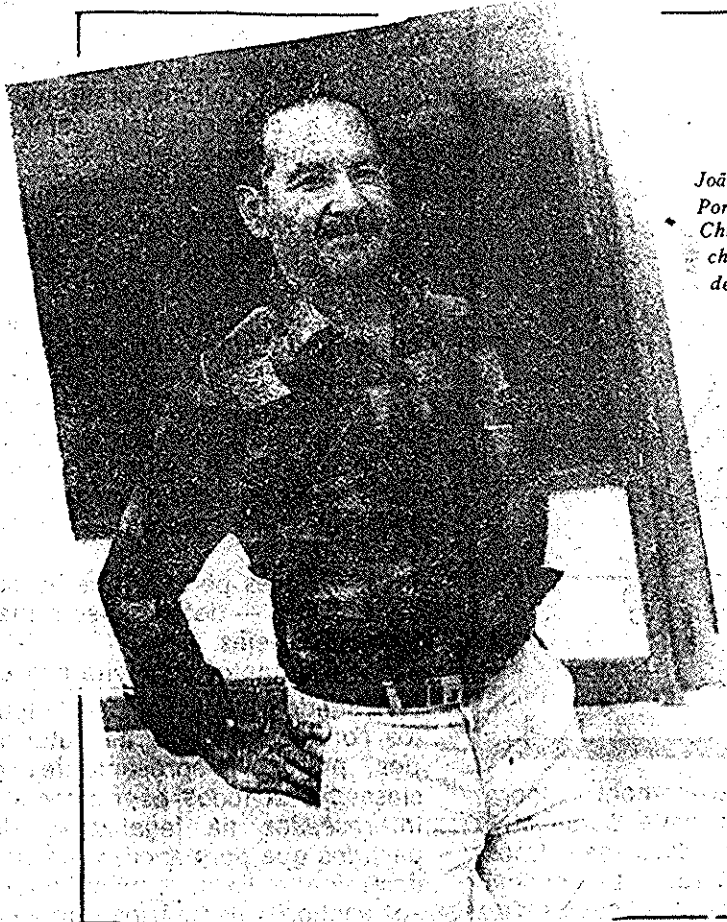


# Um filho de Poyanaua é prefeito de Japiim



João, filho de Porrundá e Antônio Chico, chega a Prefeitura de Japiim

Por volta de 1920, uma aldeia dos Índios Poyanaua, da região do Japiim, acordou de madrugada sob intensa fuzilaria. Cerca de 60 homens brancos, capangas do coronel de barranco e seringalista Mâncio Lima haviam cercado a aldeia. Alguns índios tentaram reagir mas foram fulminados. Tiveram todos que render-se realizando penosa caminhada pela mata até o seringal Barão. Ali, se extinguíram ao longo dos anos, massacrados pela doença e a intolerância dos brancos.

Entre os índios aprisionados naquela madrugada sinistra estava a pequena Porrundá, de 3 anos, que o coronel batizou de Alice e manteve em sua casa fazendo trabalhos domésticos. Quando ela completou 13 anos, ele a entregou a um dos fuziladores, Antônio Chico, para ser sua mulher e gerar filhos. Um deles, batizado João Francisco Ferreira, o João de Deus, tornou-se, por ironia do destino, na semana passada, prefeito de Mâncio Lima, ex-Japiim, terra que tem como herói o dizimador de sua tribo.

## COMPROMISSO

O fato de ser indicado para "prefeito-tampão" pelo diretório municipal do PMDB não significa, porém, que cessaram as discriminações do branco contra o Índio na região, ou que ele está sendo premiado por sua origem poyanaua. Para chegar ao cargo, João lutou contra essas discriminações (que ainda se manifestam hoje, em tom de brincadeira, nas ruas de Cruzeiro do Sul), entregando-se inclusive ao Evangelho.

Atualmente com 49 anos, João foi seringueiro até 1964, agricultor até 66, e a partir daí pastor da Igreja Batista Calvário de Mâncio Lima. Em 1976, transferiu-se para Cruzeiro do Sul, segundo afirmou, por perseguição política. "O PDS estava me massacrando", diz. O primeiro voto que deu foi para o ex-governador José Augusto, do PTB. Recusou, posteriormente, empregos oferecidos pelo ex-governador Joaquim Macedo, preferindo manter-se na oposição.

Antes de pensar em ser prefeito, João vinha tentando realizar um trabalho de apoio aos Índios Poyanauas do seringal Barão, uns poucos remanescentes que lutam pela demarcação de sua

reserva. Fez reuniões com a tribo prometendo conseguir motoserras e gasolina para tirar madeira para cercar toda a área. Trabalharia com os Índios em regime de mutirão. Como prefeito, agora, terá mais facilidades para executar seu plano.

O regime de mutirão será tentado também na Prefeitura, diz João de Deus, que vai buscar na Bíblia a inspiração para fazer os 223 funcionários municipais trabalharem. Mas quem tentar fazer corpo mole, "será chamado à responsabilidade". Onde tem trabalho tem mudança e tem felicidade, argumenta.

## TURUSSÛ FOI MELHOR

João de Deus ouviu muitas histórias sobre Mâncio Lima, contadas por Antônio Chico e por sua mãe. Eram histórias recheadas de mitos e discriminações, das quais ele procura tirar uma lição de equilíbrio para viver sua dualidade de índio-branco. Sobre o coronel Mâncio Lima, diz que "era herói como qualquer um" e esclarece: "ele era herói no trabalho. Quando encontrava um que trabalhava, ajudava. Mas era malvado com quem não lhe obedecia. Tratava os Índios com o chicote. Ele era herói assim".

João de Deus se empolga, porém, quando fala de Turussû,

o tuchaua que Mâncio Lima levou preso para o seringal Barão. Índio fortíssimo, enfiava sua flecha numa paxiúba, onde a bala muitas vezes resvala. Seu arco ninguém além dele conseguia vergar.

Um dia, Turussû promoveu uma fuga em massa do seringal Barão. Mas ficou um índio na casa do irmão de Mâncio Lima, que serviu de rastreador para os capangas do coronel. Eles foram alcançados na cabeceira do Moa, na divisa com o Peru. Turussû estava trepado, tirando um cacho de pupunha, quando o velho Manoel Felipe, capanga odioso gritou: "Caboclo senvergonha, por que você fugiu?" Turussû respondeu que não queria briga mas Felipe meteu-lhe uma bala no peito. Turussû gemeu e saiu correndo.

A partir daí começou uma bru-

tal caçada contra o tuchaua. Outro capanga, Ângelo Ribeiro, conseguiu acertar-lhe um tiro nas costas, mas Turussû prosseguiu correndo. Um terceiro capanga acertou-lhe a nuca, e o Índio continuou correndo até que, quase cego, estrepou-se numa ponta de pupunha e caiu. Manoel Felipe, então, ordenou que todos descarregassem seus rifles contra o tuchaua moribundo.

O prefeito João de Deus conta essa história apertando os olhos já miúdos, com uma ponta de revolta. Faz uma pausa, lembra outra vez a importância do Evangelho e promete, nos dias de folga da Prefeitura, ao invés de ficar bebendo, em farras, entrar na mata para conversar com seus irmãos seringueiros e índios, "sobre paz, trabalho e felicidade".

Elson Martins

